



## INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS A PARTIR DE LIVROS PARADIDÁTICOS: CRIATIVIDADE *VERSUS* AULAS REMOTAS

Izabel Cristina da Silva <sup>1</sup>  
Emerson Ribeiro <sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os limites e possibilidades de desenvolver uma pesquisa de campo em um contexto de pandemia na qual buscamos compreender de que maneira a avaliação construtiva da aprendizagem, instalação geográfica, desenvolvida a partir de livros paradidáticos do gênero narrativo pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem dos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental. O trabalho está sendo realizado a partir de uma pesquisa-ação, partindo do entendimento de Thiollent (2011), quando ele aponta que a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional e técnico. Para desenvolver as instalações geográficas tomamos como referencial teórico os trabalhos de Alencar (2020), Silva (2020), Alexandre (2019), Silva (2019) e Ribeiro (2014). Como resultados preliminares podemos inferir que a pandemia limitou o número de alunos participantes e nos lançou inúmeros desafios, todavia dos 10 alunos participantes percebemos que houve um avanço na aprendizagem, sobretudo na leitura, escrita e no olhar mais aguçado em relação a Geografia, levando-os a perceber que a mesma faz parte do cotidiano.

**Palavras-chave:** Avaliação construtiva, Livros paradidáticos, Aprendizagem, Geografia.

### ABSTRACT

This paperwork aims to reflect upon the limits and possibilities of developing a field research amidst a pandemic context in which we seek to understand how the constructive assessment of a learning processes, its geographical facilities, made after paradidatic textbooks of the narrative genre can contribute both to the teaching and learning process of 6<sup>th</sup> grade Elementary School students. This work is being carried out after an action-research, according to Thiollent's (2011) view, when he points out that research-action, besides participation itself, supposes planned action in social, educational and technical nature. To create geographical facilities, Alencar (2020), Silva (2020), Alexandre (2019), Silva (2019) e Ribeiro (2014) are the theoretical references of this paperwork. As preliminary result, we can deduce that COVID-19 pandemic narrowed the number of students involved in the study and brought numerous challenges. Still, with 10 subjects, we noticed that there was an advance on learning, especially on reading and writing skills and a sharper perspective when it comes to Geography, leading them to realize how it becomes part of the everyday life.

**Keywords:** constructive assessment, Paradidatic textbooks, Learning Geography

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Curso de Geografia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, silvaizabelprof@gmail.com;

<sup>2</sup> Doutor e professor da Universidade Regional do Cariri – URCA e do curso de pós-graduação na Universidade Federal da Paraíba - UFPB, emerson.ribeiro@urca.br;



## INTRODUÇÃO

Podemos considerar que as primeiras décadas do XXI está sendo repleta de acontecimentos. Ataques terroristas, como o 11 de setembro de 2003 nos Estados Unidos da América, posse de um presidente negro neste mesmo país, Nobel da Paz, em 2019, para um africano. Não esquecendo do cenário político, econômico e social caótico que o Brasil se encontra. Nessa conjuntura não imaginávamos que seríamos atingidos por uma pandemia causada pelo novo corona vírus, mais conhecido como COVID-19. Seu surgimento se deu no ano 2019 do século XXI na cidade de Wuhan na China. Inicialmente foi considerado epidemiologicamente como um surto. No entanto, devido ao surgimento de casos fora da área inicial, em janeiro de 2020, foi declarada pela Organização Mundial de Saúde – OMS situação de emergência em saúde pública de importância internacional e, posteriormente, epidemia.

A velocidade que o vírus se espalhou foi tão assustadora quanto o número de mortes. Vimos o esforço de várias nações para tentar descobrir um medicamento ou uma vacina eficaz contra o vírus. Enquanto isso, a orientação é que devemos realizar isolamento social e usar máscara, pois são as maneiras mais eficazes para não contrair e nem proliferar a doença. Nesse contexto tivemos que adaptar o trabalho, lazer, a forma de estudar e ensinar, enfim, a maneira de viver.

O ensino foi improvisado, passamos a utilizar o ensino remoto. Para BEHAR (2020, p. 1) o termo “remoto” significa distante no espaço e se refere a um distanciamento geográfico”. É considerado remoto porque os professores e alunos estão impedidos por decreto de frequentarem instituições educacionais para evitar a disseminação do vírus. Para realização desse ensino a internet e as novas tecnologias foram os meios para viabilizar o processo de ensino e aprendizagem, pois as escolas já não podiam funcionar como outrora.

Em abril de 2020, o Conselho Nacional de Educação- CNE publicou o parecer N° 5/2020, estabelecendo que as atividades pedagógicas não presenciais seriam computadas para fins de cumprimento da carga horária mínima anual. As atividades devem ser realizadas por meios digitais: vídeo-aulas, plataformas virtuais, redes sociais, correio eletrônico, blogs, dentre outros. Pensar em um ensino remoto emergencial – ERE, mediado pelas novas tecnologias, é considerar que todos os alunos têm esse aparato e



acesso à internet de qualidade. Todavia a realidade não é essa. Existem educandos que tem acesso, mas existem tantos outros que não tem celular e nem sinal de internet e que ir à escola é sinônimo de ingerir uma refeição digna ao longo do dia. Nessas circunstâncias muitos discentes não têm acesso as aulas remotas a partir das novas tecnologias e estão recebendo material didático impresso, quando a escola tem recursos para enviar.

Ressaltamos que dentre as tecnologias citadas o celular é o mais utilizado. Na escola que desenvolvemos a pesquisa de campo, de um total de 362 alunos matriculados em 2021, menos de 40% assistem aulas virtuais. O mais contraditório desse uso é que antes do início da pandemia esse dispositivo móvel era proibido na referida instituição, como em outras escolas brasileiras. A comunidade escolar por vezes a viam como destruidora da hegemonia escolar, pois a mesma, não é mais vista como o único corpo capaz de transmitir conhecimento. Todavia, em um contexto de pandemia os celulares passam de vilão a mocinho. Parece algo simples, mas não é.

Durante a pesquisa nos deparamos com estudantes que só tem o celular do responsável para assistir aula, outros precisam pedir para sair da sala de aula virtual para a mãe pedir um botijão de gás, caso contrário não terá almoço, estudantes que não assistem aula pois o responsável que possui celular passa o dia trabalhando nas fábricas e só chega à noite. Educandos que não dispõe de um sinal de internet satisfatório. Também nos deparamos com educandos que dispõe do dispositivo móvel e internet, mas se recusam a participarem da aula virtual, existem aqueles que acessam a aula e sai em seguida alegando que o sinal da internet caiu.

Além disso, presenciamos diversos educadores sufocados em meios há tantas demandas, cursos e mais cursos, numa tentativa desesperada para acompanhar tantas mudanças. Em meio a esse turbilhão de mudanças, temos que lidar com a nossa dor e a dos alunos, pois há cada dia perdemos amigos, parentes e conhecidos.

A partir desse contexto buscamos refletir sobre os limites e possibilidades de desenvolver uma pesquisa de campo <sup>2</sup>em um contexto de pandemia na qual buscamos compreender de que maneira a avaliação construtiva da aprendizagem, instalação geográfica, desenvolvida a partir de livros paradidáticos do gênero narrativo pode contribuir com o processo de ensino e aprendizagem.

---

<sup>2</sup> Este artigo é resultado de projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido no doutorado.



## APORTE TEÓRICO

A escrita desse artigo se dá a partir da pesquisa-ação que está sendo realizada, a partir de aulas remotas, com alunos do 6º ano do ensino fundamental na Escola Arthépio Bezerra da Cunha, localizada no município de Serra Negra do Norte/RN. Na oportunidade trabalhamos com livro paradidáticos e utilizamos a avaliação construtiva da aprendizagem, a instalação geográfica, na qual os alunos utilizam signos e símbolos para representar o conteúdo estudado. Nessa avaliação a criatividade dos alunos é aguçada. De acordo com RIBEIRO (2013, p.123):

O termo utilizado “**avaliação construtiva**” é dado pelo encaminhamento do processo de ensino aprendizagem e de como ele é realizado. Não só utilizando de provas e avaliações ou textos, mas sim com um objetivo que leve o aluno a **unir o conhecimento geográfico ensinado pelo professor com a pesquisa, a criação e a arte, encontrando a efetivação desse conhecimento nas instalações.**

O termo utilizado avaliação construtiva é dado pelo encaminhamento do processo de ensino aprendizagem e de como ele é realizado. Não só utilizando de provas e avaliações ou textos, mas sim com um objetivo que leve o aluno a unir o conhecimento geográfico ensinado pelo professor com a pesquisa, a criação e a arte, encontrando a efetivação desse conhecimento nas instalações. As instalações geográficas são inseridas e conhecidas no âmbito da Geografia a partir da tese de doutorado realizada pelo professor e pesquisador Emerson Ribeiro. O trabalho foi desenvolvido no ano de 2014 na Universidade de São Paulo. Até então, as instalações eram utilizadas no âmbito das artes. Ribeiro (2014) destaca que o termo instalação, “passou a ser incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando ambiente construído em espaços de galerias e museus, prioritariamente, para mais tarde ganhar as praças, parques e as ruas públicas”. A partir dessas premissas o citado autor adapta e cria uma nova metodologia e avaliação construtiva para o ensino de Geografia. Sobre a avaliação a Base nacional Comum Curricular – BNCC (2017, p17) enfatiza:

Construir e aplicar procedimentos de avaliação formativa de processo ou de resultado que levem em conta os contextos e as condições de aprendizagem, tomando tais registros como referência para melhorar o desempenho da escola, dos professores e dos alunos.



É perceptível que as tradicionais avaliações escritas, com perguntas e respostas, engessam o aluno. Precisamos lançar mãos de novos meios que nos possibilite avaliar de uma maneira construtiva. Limitar o educando a uma atividade avaliativa fechada e pouco criativa não é suficiente. Ribeiro (2014) evidencia na sua pesquisa que a maneira como os conteúdos da Geografia são trabalhados e avaliados em sala de aula não são suficientes. É necessário (re)criar, utilizar novas abordagens. Não podemos trabalhar com alunos do século XXI pautados em procedimentos, apenas, do século passado. Utilizar outras metodologias, outros recursos didáticos. O livro didático não deve ser o currículo escolar.

Assim, elegemos com material didático para essa pesquisa livros paradidáticos. O mesmo foi objeto de pesquisa acadêmica na década de 80, quando a pesquisadora Maria Cecília Mattoso Ramos escreveu a tese de doutorado intitulada “O Paradidático, esse rendoso desconhecido”. Sua pesquisa é a precursora, onde ela buscou conceituar esse recurso didático, pois o material era jovem no mercado editorial. Foi “na década de 1970, aconteceu a ampliação do mercado de livros para a escola, motivada pela lei da reforma de ensino (Lei 5692/71)”. Melo (2004, p. 15). A Lei propiciou o aumento da produção editorial livreira para crianças e jovens, pois exigia a utilização de livros de autores brasileiros nas escolas de ensino fundamental. Aliado a esse fato, iniciava-se um trabalho de acesso a livros de literatura pelas camadas populares, contudo os livros da literatura que já eram lidos pela elite, como Machado de Assis, apresentavam-se de difícil leitura para os alunos das camadas populares, assim os livros paradidáticos surgem também com essa roupagem mais acessível, sobretudo linguisticamente.

Assim, quando Ramos (1980) inicia seu trabalho ela delinea um conceito para esse material e ao decorrer da sua pesquisa ela ratifica o conceito inicial elaborado. Ela partiu do pressuposto de que livros paradidáticos são obras de literatura infantil, juvenil ou sem adjetivos, de custo mais baixo do que os livros usuais, que deveriam ser utilizadas livremente na escola como leitura subsidiária, acompanhadas ou não de material auxiliar. Sua pesquisa é o amálgama dos demais estudos sobre livros paradidáticos. Em relação ao responsável pela criação do termo paradidático, há controvérsias. Para Zamboni (1991), o criador do termo foi Jiro Takahashi, então editor da Ática. Mas, segundo Munakata (1997), o responsável teria sido o professor Anderson Fernandes Dias, que, no início da década de 70, era o diretor-presidente da Editora Ática. O fato é que o termo foi criado no contexto da editora Ática. Para a nossa pesquisa não é relevante quem o criou.



## METODOLOGIA

Partimos do entendimento de Thiollent (2011) quando aponta que a pesquisa-ação, além da participação, supõe uma forma de ação planejada de caráter social, educacional e técnico. O autor ainda delinea que esse tipo de pesquisa pode ser concebido como método, quer dizer, um caminho ou um conjunto de procedimentos para interligar conhecimento e ação, ou extrair da ação novos conhecimentos. Para ele, do ponto de vista científico, a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica. Com ela, introduz-se uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta. A pesquisa-ação deve ser mediadora entre os conhecimentos pedagógicos e a prática docente.

Quando elaboramos a proposta de pesquisa de campo não imaginávamos que ocorreria uma pandemia que nos conduziria para um ensino remoto mediado pelas novas tecnologias. Podemos afirmar que foi um momento difícil, principalmente pela ausência de alguns alunos que não tinham acesso as aulas virtuais por motivos diversos. Nessa conjuntura tivemos que desenvolver a pesquisa com 10 alunos, dos 22 matriculados

Inicialmente selecionamos livros paradidáticos do gênero narrativo que dessem suporte para trabalhar os conteúdos estabelecidos para o 6º ano do ensino fundamental. A partir dessa análise delimitamos, de maneira flexível, os possíveis livros e metodologia que seriam utilizadas. Para cada aula elegemos uma palavra geradora que foi sugerida a partir dos livros paradidáticos e do cotidiano dos alunos.

Para o primeiro bimestre utilizamos os livros: Geografia de Dona Benta, Capítulos I e II; O castigo veio a Cavalos, capítulos I e II, Mania de Mapas e O Menino que Colecionava Lugares. Ressaltamos que não utilizamos a sequência cronológica proposta nos livros didáticos de Geografia. Os conteúdos foram abordados à medida que surgiam no enredo das histórias, trabalhamos de maneira integral, não fragmentada.

A partir da leitura do livro Geografia de Dona Benta levantamos algumas questões. Por que só os brancos foram a lua? Por que Tia Anastácia está sempre cozinhando? Abordamos também a questão da esfericidade do planeta Terra, diálogo estimulado pelos personagens do sítio Do Pica Pau Amarelo.

Após exploração dos livros paradidáticos os alunos foram orientados a realizarem a pesquisa inicial relacionada a temática que eles utilizaram para montar a instalação



geográfica. Segundo Ribeiro (2013, p. 135), “A avaliação por instalações geográficas exige do aluno, conteúdo, pesquisa, imaginação e criatividade, entre outros conhecimentos possíveis de serem alcançados com relação à atividade proposta pelo professor”. Assim, no processo avaliativo, é necessário seguir os seguintes passos: apresentação do conteúdo; pesquisa auxiliar, teia de ideias (momento no qual o aluno traz a sua pesquisa e produz um texto a ser debatido em sala); escolha dos objetos, montagem da instalação; apresentação, desmonte e produção do texto final.

O primeiro passo para a avaliação com instalação geográfica é a apresentação dos conteúdos. Esta é realizada durante as aulas. Segundo Ribeiro (2013, p. 59):

A pesquisa é um dos pontos chaves da instalação, quando tratamos das instalações na universidade junto aos nossos alunos, abordamos a necessidade prioritária da pesquisa e a discussão dessas em sala de aula por todos os alunos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Em vários momentos chamamos a atenção deles para esse ponto crucial.

A pesquisa precisa ser orientada e acompanhada, principalmente por se alunos que ainda não tem experiência com essa atividade ou a fazem de maneira automática, copiam e colam da *internet*. Não leem e não se aprofundam na temática. Ribeiro (2013, p. 60) enfatiza que

A pesquisa e seu desenvolvimento merecem certo cuidado diante da metodologia com as instalações. Quando tratamos da primeira, é um dos elementos mais importantes para que a instalação se materialize. Para tanto, o professor deve acompanhar a pesquisa dos alunos quando esta vai ser colocada em pauta, no momento que chamamos de Teia de Ideias...

Quando não há esse acompanhamento, os discentes ficam desconectados no momento da teia de ideias. Esse é o terceiro momento do processo avaliativo, no qual realizaremos uma roda de conversa com os alunos. Estes devem apresentar as descobertas e as informações que conseguiram a partir da pesquisa, além disso, eles devem entregar uma produção textual sobre as descobertas realizadas. Este é um dos pontos nevrálgicos dessa avaliação. Na pesquisa de Ribeiro (2014, p.197), realizada com alunos de Nível Superior, ele destaca as dificuldades encontradas nas produções textuais:

As dificuldades encontradas pelos alunos estão relacionadas prioritariamente à pesquisa, especialmente quando se trata da produção de um texto. Produções que não são feitas com rigor, com clareza sobre as ideias, quando se leva em conta uma pesquisa detalhada sobre os conteúdos abordados.

Essa dificuldade também foi registrada na pesquisa de Alexandre (2019, p. 72- 73), com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental: Quanto aos textos, percebemos claramente



a real dificuldade que os alunos têm na sua produção escrita, nitidamente alguns erros de ortografia, gramaticais e até a reprodução de cópias da internet, não havendo, portanto, a preocupação em ao menos inserir as fontes de onde fizeram a consulta. Já no segundo texto, produzido com o desmonte da instalação, constatamos que não apresenta o que é solicitado, o registro geral, enfatizando o processo que foi realizado com a pesquisa, o debate e as possíveis dificuldades que ainda se apresentam. Percebemos que essas dificuldades acompanham os alunos tanto no Ensino Fundamental como no Superior. Esses estudantes são reflexos de alunos como os sujeitos da nossa pesquisa.

Discentes que foram passando de nível escolar com dificuldades na escrita e na leitura. Não estamos dizendo que não tenham capacidade, mas que o trabalho com a leitura e a escrita teve lacunas. Para Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), cabe ao professor de qualquer disciplina motivar o aluno a encarar os estudos como uma tarefa significativa e interessante. Se o aluno apresenta dificuldades em ler, analisar ou redigir um texto, é importante a orientação do docente. Segundo as autoras, uma das grandes dificuldades dos alunos, em qualquer nível de ensino, até mesmo os que chegam ao Ensino Superior, refere-se à leitura e à análise de textos. A Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 (LDB), em seu artigo 32, inciso I, já aponta como um dos objetivos do Ensino Fundamental a necessidade de trabalhar com leitura e escrita, destacando a urgência de os alunos se tornarem leitores críticos.

Durante a teia de ideias, serão escolhidos os objetos para a montagem da instalação. Orientaremos os alunos a pensarem em objetos reciclados, não é ideal que haja uma compra de produtos, o recomendável é que busquem na própria casa, escola, comunidade. Os alunos irão trabalhar com signos e símbolos. Segundo Almeida (2010, p. 78): “O signo possui dois aspectos: o significante e o significado. O significante constitui-se no aspecto concreto (material) do signo. Ele é audível e/ou legível. O significado é o aspecto imaterial, conceitual do signo”. Ou seja, os alunos, a partir da temática selecionada, irão coletar objetos, que é o signo, mas, a partir do momento que estes objetos forem inseridos na montagem da instalação geográfica, eles simbolizarão algo que está diretamente relacionado com o conteúdo que os alunos estão representando.

De acordo com Alexandre (2019 p. 84), “podemos afirmar que tudo pode ser signo quando criado pelo ser humano para representar alguma coisa dotada de significado e sentido que se manifesta por meio de uma convenção social”. O símbolo é um signo, pois representa algo. Todavia, o símbolo é dotado de um sentido cultural variando de acordo





com cada cultura. Alexandre (2019 p. 87) destaca que “a representação do conteúdo por signos e símbolos constitui o cerne do trabalho para com a metodologia Instalação Geográfica”. Quando os alunos são desafiados a selecionar objetos e relacionar ao conteúdo geográfico, eles estão utilizando a criatividade.

Para Ribeiro (2013, p. 151), “o ato criativo não surge do nada, não é inato, ele é construído, é parte de um processo que se traduz numa obra, seja de arte, livro ou em novas descobertas científicas, são elementos que compõem o espaço social e a natureza, que se dá no plano do vivido”. Dessa maneira, qualquer sujeito pode ser estimulado a criar, expor sua criatividade.

## **RESULTADOS E/OU DISCUSSÕES**

Para falar dos primeiros resultados precisamos retomar o momento ao qual estamos enfrentando, pandemia e aulas remotas. A turma que desenvolvemos a pesquisa tem matriculados 22 alunos, todavia apenas 10 conseguiram assistir as aulas virtuais. Os demais, por diversos motivos já explicitados nesse artigo. Devido a essa realidade não conseguimos chegar a todos os matriculados, mas tivemos um êxito positivo com os alunos que estão participando. O início da pesquisa de campo foi angustiante, além da ausência de alguns discentes, tivemos algumas turbulências no decorrer da pesquisa. Discentes que saíam da aula para realizar tarefas domésticas, outros que saíram no momento que eu tentava interagir, outros que ao abrir o microfone nós ouvíamos palavrões, ambiente familiar instável. Nas duas primeiras semanas cheguei a pensar que não ia dar certo, uma pesquisa de campo que tanto sonhei em realizar, mas a persistência é uma característica do pesquisador. Com o passar dos dias os alunos foram participando e se encantando com a Geografia e metodologia utilizada.

Ao passo que caminhávamos percebi uma evolução significativa, observação realizada a partir das atividades desenvolvidas ao longo do bimestre, da interação e da avaliação construtiva, instalação geográfica, realizada ao término do bimestre que mostrou a evolução desses alunos. Como mostra a figura 1.

**Figura 1 – Instalação: a Geografia no Cotidiano**



Fonte: Arquivo da pesquisadora

### Quadro 1- Ficha Técnica

Signo	Símbolo
Barco	Pescador
Folhas verde e seca	Agricultura
Caixa de Primeiros Socorros	Médico
Carro com o Sol no teto	Polícia

Fonte: Elaborada pela autora.

Nessa instalação, figura 1, os alunos representaram por meios de signos e símbolos o conhecimento que eles adquiriram a partir das leituras dos livros paradidáticos e dos diálogos realizados em sala de aula. Eles representaram como profissionais do cotidiano deles utilizam o conhecimento geográfico no trabalho. Eles utilizaram um carro de brinquedo com o sol sobre o teto para mostrar que se caso os policiais ficassem perdidos



em uma floresta ou até mesmo em uma missão, que não tivessem uma bússola, eles poderiam observar o nascer do sol. Eles citaram também que o médio precisar utiliza a geografia para realizar a leitura de um mapa que mostre os casos da Covid-19, assim como o agricultor precisa observar o solo e o período de chuvas para plantar. Já o pescador precisa observar o período de reprodução dos peixes e o período das enchentes.

A partir dessas constatações realizadas pelos alunos durante a apresentação das instalações podemos inferir que eles utilizaram os conteúdos estudados a partir da vivência e da leitura dos livros paradidáticos e utilizaram a criatividade para realizar a escolha dos signos que simbolizaram o conteúdo.

Com essa metodologia os discentes desenvolvem o pensamento espacial, fazendo uso de outras linguagens, como a cartográfica. O trabalho com livros paradidáticos nos possibilitou trabalhar leitura e escrita, algo importante para o processo de ensino e aprendizagem e caro aos alunos do 6º ano do ensino fundamental, pois é recorrente recebermos educandos nesse nível de ensino ainda em processo de leitura e escrita.

Com o uso desses livros atrelado a avaliação construtiva da aprendizagem, instalação geográfica, o quantitativo, para os alunos, deixou de ser o sentido ou o motivo de estudar Geografia, ou realizar uma avaliação. Os alunos estão entusiasmados com as novas possíveis descobertas que irão realizar. Percebemos que questionar e provocar os educandos durante as aulas aguça a atenção, o raciocínio e o senso de que são sujeitos que carregam saberes. A pesquisa nos indica um caminho fértil para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. Temos consciência de que muito ainda precisa ser feito, os educandos precisam avançar na escrita e na leitura para que possam articular melhor o conhecimento adquirido a partir dos livros paradidáticos e da avaliação construtiva da aprendizagem. Ao término desse primeiro bimestre virtual, percebemos que eles estão passando a olhar a Geografia de maneira diferente. Começaram a percebê-la no seu cotidiano e, principalmente, estão (re)aprendendo a questionar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa está em andamento, mas observamos que a metodologia e a avaliação construtiva da aprendizagem, instalação geográfica, desenvolvida a partir de livros paradidáticos contribui para o processo de ensino e aprendizagem. Ressaltamos que mesmo com aulas remotas os primeiros resultados foram animadores. Sabemos que a



avaliação nas escolas brasileiras ainda é complexa, no sentido de que em diversas realidades a prova escrita é a mais utilizada. Todavia o alunos cabam vinculando a finalidade de estudar a realizar provas para passar de ano. Observamos que no momento que os educandos pesquisam e montam a instalação eles aprendem de maneira significativa. Passam a perceber e entender que a Geografia faz parte da vida e que compreender o espaço geográfico é importante para a formação de um cidadão crítico e reflexivo. Esperamos ao retornar para as aulas presenciais a pesquisa avance mais e revele novas possibilidades para o educador trabalhar em sala de aula, atrelando conhecimento geográfico, leitura, escrita e criatividade.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Cynara Gonçalves de. **Avaliação construtiva com o uso da metodologia instalação geográfica na EEM Adrião do Vale Nuvens, Santana do Cariri-CE.** 127f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Regional do Cariri-URCA. Crato, 2020.

ALEXANDRE, Diego Leite. **Instalações Geográficas e sua aplicabilidade em escolas da rede básica de ensino na Região do Cariri-Ceará.** 181f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2019.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. (Org.). **Cartografia Escolar.** 2. ed. 1. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2010.

CASTRO, P. A.; SOUSA ALVES, C. O.. Formação Docente e Práticas Pedagógicas Inclusivas. **E-Mosaicos**, V. 7, P. 3-25, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Proposta de parecer sobre reorganização dos calendários escolares e realização de atividades pedagógicas não presenciais durante o período de pandemia da COVID-19.** 28 de abril de 2020. Brasília, DF, 2020.

BEHAR, Patricia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância.** Disponível em :<https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-e-a-educacao-a-distancia/>, acesso em 14/05/2021.

LOBATO, Monteiro, 1888-1948. **Geografia de Dona Benta.** Ilustrações Roberto Fukue.-Ed. comentada. -São Paulo: Globo, 2013.

MUNAKATA, Kazumi. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos.** 1997. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação) – Pontifícia Católica de São Paulo,



1997.

PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMOS, Maria Cecília Mattoso. **O Paradidático, esse rendoso desconhecido**. 1987. Tese (Doutorado em Filosofia, Letras e Ciências Humanas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

RIBEIRO, E. **Processos criativos em geografia**: metodologia e avaliação para a sala de aula em instalações geográficas. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014

SILVA, Alexandre Ribeiro da. **Instalações geográficas**: uma contribuição ao ensino e a aprendizagem da Geografia para alunos com deficiência visual. 97f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Regional do Cariri – Urca. Crato, 2019.

SILVA, Carlos Augusto Barros da. **A criatividade na formação de professores**: o caso do pibid-geografia na região do cariri cearense. 189f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ZAMBONI, Ernesta. **Que História é Essa?** Uma Proposta analítica dos livros paradidáticos de História. Tese (Doutorado em Educação) – FE/Unicamp. Campinas, 1991.